

DOI: 10.47456/krkr.v1i23.47187

Consciência Fonológica na Educação Infantil: percepção dos professores em Linhares-ES

Phonological Awareness and Early Childhood Education: Teachers Perception in Linhares-ES

Alice Mação Correia
Amanda do Rosário Barboza
Márcia Perini Valle

Resumo: A consciência fonológica é uma importante habilidade para a aprendizagem da leitura e da escrita pois permite que o indivíduo perceba a relação entre as letras e os sons do sistema de escrita alfabética. Esta pesquisa analisa a percepção dos professores sobre a consciência fonológica e sua influência no processo de alfabetização de estudantes das turmas de 4 anos de uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares-ES. Para atingir tal objetivo, foram utilizadas entrevistas com quatro professoras regentes das turmas de 4 anos e observações do cotidiano escolar em duas turmas de estudantes de 4 anos de uma escola de Educação Infantil da rede municipal de Linhares-ES. Com base nos dados coletados, os resultados apontam que a consciência fonológica não é desconhecida pelos professores, porém sua definição ainda gera dúvidas, algumas a resumem como consciência fonêmica, outras a confundem com método de alfabetização fônico ou a definem como um método tradicional. As atividades que envolvem e estimulam a consciência fonológica são pouco utilizadas nas práticas das professoras entrevistadas no cotidiano de suas turmas e foi observado que a maioria das atividades utilizadas por elas nesse processo são impressas, sendo poucas as que exploram a habilidade mental de reflexão e manipulação das unidades sonoras.

Palavras-chave: Consciência Fonológica; Alfabetização; Educação Infantil; Percepção docente.

Abstract: Phonological awareness is an important skill for learning to read and write, as it allows individuals to perceive the connection between letters and sounds in the alphabetic writing system. This research aims to analyze teachers' perceptions of phonological awareness and its influence on the literacy process of 4-year-old students at an Early Childhood Education school in the municipal education network of Linhares-ES. To achieve this objective, interviews were conducted with four lead teachers of 4-year-old classes, and observations were made in two 4-year-old student groups at a municipal early childhood education school in Linhares-ES. Based on the collected data, the results indicate that phonological awareness is not unknown to the teachers, but its definition still raises doubts. Some teachers reduce it to phonemic awareness, others confuse it with the phonics-based method of teaching literacy, or define it in terms of traditional methods. Activities that involve and stimulate phonological awareness are rarely used in the daily practices of the interviewed teachers. It was observed that most of the activities employed in this process are printed materials, with few activities that explore the mental ability of reflection and manipulation of sound units.

Key-words: Phonological Awareness; Literacy; Early Childhood Education; Teacher Perception.

Introdução

Vários estudiosos da área de educação buscam compreender o processo de alfabetização que é amplo e complexo, estudando e avaliando habilidades que são desenvolvidas antes e durante o aprendizado da leitura e da escrita, com o objetivo de alcançar um maior sucesso em que mais crianças saiam da fase inicial do fundamental alfabetizados e letrados de fato.

Consciência fonológica é uma habilidade que auxilia na codificação e decodificação da escrita, ela “[...] encontra-se no contexto da consciência linguística e configura-se como a capacidade que o ser humano possui de refletir e manipular as unidades fonológicas (sílabas, as unidades intrassilábicas e os fonemas)” (Costa, 2012, p.16).

Com isso, surge o tema desta pesquisa que estuda umas das habilidades precursoras da alfabetização, a consciência fonológica. Por isso, este estudo procura compreender: Qual a percepção dos professores da rede municipal do ensino de Linhares-ES acerca da consciência fonológica no processo de alfabetização de crianças de 4 anos?

Nesse sentido, este estudo possui o objetivo geral de analisar a percepção dos professores acerca da consciência fonológica e sua influência no processo de alfabetização de estudantes das turmas de 4 anos da rede municipal de ensino de Linhares/ES, seguido dos seguintes objetivos específicos: levantar dados sobre os conhecimentos que os professores das turmas de 4 anos têm sobre consciência fonológica; observar a prática educativa de professores das turmas de 4 anos no que se refere à condução do processo de alfabetização; investigar se a consciência fonológica é utilizada no processo de alfabetização nas turmas de 4 anos de uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares-ES.

Para esta pesquisa, inicialmente, foi feita uma revisão bibliográfica e, posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo dividida em duas etapas em uma escola da Educação Infantil da rede pública de Linhares-ES. A primeira consistia em uma entrevista realizada com os docentes que atuam em turmas de 4 anos e a segunda

foi uma observação da prática pedagógica de duas professoras, participantes da entrevista, que trabalham nas salas de aula das turmas de 4 anos.

Metodologia

Esta pesquisa pode ser classificada, segundo a abordagem, como qualitativa e de caráter exploratório que, segundo Gil (2002, p.41): “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. A pesquisa também possui um caráter descritivo, fazendo comparação entre as respostas das entrevistadas com a realidade em suas respectivas salas de aula.

A amostra foi escolhida por conveniência, pois segundo Freitag (2018, p.671), nesse tipo de amostra “[...] o pesquisador de campo seleciona falantes da população em estudo que se mostrem mais acessíveis, colaborativos ou disponíveis para participar do processo”. As participantes dessa pesquisa foram quatro professoras de uma escola de Educação Infantil da rede municipal de Linhares/ES.

Assim, as professoras foram escolhidas devido a facilidade de contato, já que fazem parte do ambiente em que as pesquisadoras estão inseridas cotidianamente e pelo fato de que algumas delas trabalhavam com atividades envolvendo consciência fonológica nas turmas de 4 anos.

Para investigar o problema, foi usada a entrevista semiestruturada com as professoras regentes das turmas de 4 anos. Segundo Flick (2008, p.143), esse tipo de entrevista possibilita que o entrevistado expresse seus pontos de vista acerca do assunto abordado ao invés de dar uma resposta padrão.

As questões do roteiro da entrevista abordam a formação das entrevistadas, quanto tempo trabalham na área da educação e na educação Infantil e questões referentes ao assunto em pesquisa: se acreditam que existe uma idade certa para uma criança ser alfabetizada, se conhecem a definição de consciência fonológica, se trabalham com práticas que estimulam a consciência fonológica dos estudantes, que tipo de atividades utilizam e com que frequência

costumam trabalha-las, como os estudantes costumam reagir diante dessas atividades propostas e se conseguem alcançar os resultados esperados e, finalmente se acreditam que a consciência fonológica pode contribuir no processo de alfabetização dos estudantes.

Em seguida, ocorreu um período de observação em duas turmas de estudantes de 4 anos de idade: uma no turno matutino e outra no vespertino. Flick (2008, p.203) comenta que é por meio da observação que podemos ver como realmente a prática acontece.

Para essa etapa foi estabelecido em roteiro *a priori* com os seguintes aspectos a serem observados: quais habilidades da consciência fonológica a professora trabalha na sala de aula; a frequência de atividades que estimulam a Consciência Fonológica; se as respostas dos estudantes condizem com que é proposto na atividade; se além das atividades sistematizadas, existe outro momento que em a Consciência Fonológica é estimulada; se existe estudantes que fazem correspondência grafema-fonema, se o professor utiliza a Consciência Fonológica nas atividades que envolvem a alfabetização e quais habilidades envolvendo a Consciência Fonológica os estudantes demonstram ter desenvolvido.

Inicialmente, aconteceu uma conversa com a Diretora do CEIM, para a apresentação da pesquisa e explicação de como ela iria ocorrer, a fim de obter uma aprovação para que a mesma fosse realizada no local. Além disso, junto com o projeto de pesquisa, foi apresentado também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com o objetivo de assegurar ao participante da pesquisa que os dados coletados seriam usados com fim acadêmico.

Após a aprovação da realização da pesquisa na escola, ela foi apresentada ao corpo docente e, em seguida, as entrevistas foram realizadas durante o momento de planejamento das professoras. As entrevistas ocorreram no mesmo dia com as professoras de ambos os turnos, de forma isolada, para que as respostas de uma não influenciassem as das outras. As entrevistas duraram entre 10 a 15 minutos e foram feitas pelos próprios pesquisadores.

Realizadas as entrevistas, foi dado início ao período de observação. Durante o mês de julho e agosto de 2024, as pesquisadoras

acompanharam uma turma de 4 anos pelo período matutino e uma pelo período vespertino.

Os dados referentes às entrevistas realizadas com as professoras são apresentados e analisados seguindo a ordem do roteiro pré-estabelecido e, quando possível, foram verificados se condizem com as respostas a partir das observações realizadas. O processo de análise dos dados foi feito de forma contextualizada à luz da fundamentação teórica apresentada.

Consciência Fonológica e Alfabetização

A criança, ao começar sua fase de escolarização, inicia também o processo de alfabetização em que ocorre a apropriação do sistema de escrita. As habilidades de leitura e escrita são fundamentais para o seu desenvolvimento acadêmico e pleno exercício de sua cidadania.

Alfabetização é um termo polissêmico, ou seja, esse processo é conceituado de diferentes maneiras. Dentre os vários conceitos, destacamos: processo de representação de fonemas em grafemas e de grafemas em fonemas (de codificação e decodificação), processo de compreensão e expressão de significados e prática sociocultural em que as crianças, adolescentes, jovens e adultos vivenciam, na escola, experiências de leitura e de produção de textos escritos e orais (Gontijo; Costa; Oliveira, 2019, p.1).

Entende-se que alfabetização pode englobar vários conceitos conforme a concepção de ensino-aprendizagem dos professores. Pode ser um processo em que o indivíduo transforma o pensamento em escrita ou o inverso, uma maneira de se expressar ou compreender o outro por meio da linguagem exercendo seu papel como cidadão.

Gontijo, Costa e Oliveira (2019) define a alfabetização para além de um processo de codificação e decodificação, ou seja, como prática sociocultural, pois entende-se que as habilidades de escrita e leitura são de extrema importância para que o indivíduo exerça sua cidadania e seja incluso na sociedade. As habilidades de leitura e escrita tornam o indivíduo capaz de realizar tarefas simples do dia-a-dia, como pegar o ônibus certo para o seu destino, assinar o próprio nome, ler a bula de um remédio etc.

Além disso, Gontijo (2008) define “[...] a alfabetização como uma prática social e cultural em que se desenvolvem a formação crítica, as capacidades de produção de texto orais e escritos, de leitura e de compreensão das relações entre sons e letras”. Logo percebe-se que o processo de alfabetização não é o simples ato de ler e escrever; ele está diretamente ligado à formação do indivíduo como ser cidadão e às habilidades que são desenvolvidas no processo que o farão ser inserido e atuante na sociedade.

De acordo com Sargiani (2022), aprender a ler e escrever não é uma tarefa fácil. Esse processo demanda muitos processos cognitivos e linguísticos complexos que levam os estudantes a terem dificuldades para desenvolverem tais habilidades. Entretanto, antes de iniciar esse processo de maneira formal e para que ele alcance o seu objetivo final com êxito, deve-se desenvolver habilidades precursoras à alfabetização e uma delas é a consciência fonológica, habilidade essa que auxilia o processo de codificação e decodificação da língua escrita (Sargiani, 2022).

Pode-se definir consciência fonológica como a capacidade em que o indivíduo, de forma consciente, tem de analisar e manipular os sons que compõem os elementos de uma língua, ou seja, palavras, sílabas e letras (Morais, 2019).

A consciência fonológica se constitui como necessária para compreender e fazer a correspondência entre letras e sons. O desenvolvimento da consciência fonológica favorece essa relação e, também, os leva a descobrir com mais facilidade como os sons agem ou se comportam dentro das palavras. O desenvolvimento dessa habilidade é uma etapa essencial para a aquisição dos processos de leitura e escrita (Parracho, 2023, p.77).

A consciência fonológica é uma habilidade essencial para o processo de alfabetização. Essa habilidade é facilitadora do processo, contribuindo para a compreensão do modo como os sons funcionam na língua e para o entendimento da relação entre os sons e as letras.

No Brasil, começou-se a falar sobre consciência fonológica a partir da década 80. Foi, nesse período, que Therezinha Nunes Carraher e Lucia Brower do Rego publicaram uma pesquisa feita com crianças que frequentavam a pré-escola e ainda não tinham sido

alfabetizadas formalmente. Nessa pesquisa, elas pediam que as crianças realizassem algumas tarefas de realismo nominal¹ e análise fonêmica. O resultado mostrou que a capacidade de leitura e análise fonêmica estava diretamente ligada à superação das crianças em relação ao realismo nominal, logo crianças que percebiam as partes sonoras das palavras se saíam melhor na aprendizagem da leitura (Morais, 2019).

Vale destacar que a consciência fonológica é uma das habilidades da consciência metalinguística². Moraes (2019, p.41) explica que “Praticar uma conduta metalinguística é, portanto, refletir sobre a linguagem”. Ele continua explicando que essa reflexão da língua pode ocorrer em diferentes dimensões, como, por exemplo, “[...] sons, suas palavras ou partes destas, as formas sintáticas que usadas nos textos que construímos, as características e propriedades dos textos orais e escritos”.

A consciência fonológica é caracterizada como uma gama de outras habilidades que são desenvolvidas ao longo do período de pré-alfabetização e no próprio processo de alfabetização. São elas: consciência de palavras (capacidade de segmentar as frases em palavras), consciência silábica (capacidade de segmentar palavras em sílabas), consciência fonêmica (capacidade de segmentar as sílabas em unidades menores e manipulá-las), rimas e aliterações (Mello; Sudbrack, 2019, p.71).

A consciência de palavras, a consciência silábica, a rima, as aliterações e a consciência fonêmica são habilidades complexas e apresentam graus de dificuldades diferenciados e vão se desenvolvendo conforme a maturação da criança. A complexidade se dá pela operação cognitiva que ela realiza com as unidades sonoras trabalhadas (palavra, rima, sílabas ou fonema) (Morais, 2019).

Assim, de acordo com Moraes (2019, p.51),

¹ Realismo nominal é uma característica do pensamento infantil em que a criança tem dificuldade em dissociar o signo da coisa significada. Nesse sentido, ela entende que a palavra é parte integrante do objeto, atribuindo-lhe características desse objeto (Nobre; Roazzi, 2011).

² Consciência metalinguística é a habilidade que o indivíduo tem de analisar e refletir sobre a língua, tratando-a como objeto cujas características podem ser examinadas de forma intencionalmente (Spinillo; Motta; Correia, 2010).

Na “constelação” de atividade de consciência fonológica avaliadas ou ensinadas nas últimas décadas, os aprendizes têm sido chamados a resolver tarefas nas quais devem:

- Identificar palavras com unidades iguais (silabas, fonemas, rimas);
- Produzir (isto é, dizer em voz alta) palavras com a mesma unidade (sílabas, fonema, rima) de uma palavra ouvida;
- Identificar ou produzir palavras maiores (ou menores) que outras;
- Segmentar palavras em unidades (silabas ou fonemas);
- Contar quantas unidades (sílabas ou fonemas) uma palavra contém;
- Sintetizar unidades (silabas ou fonemas) para formar palavras;
- Adicionar, substituir ou subtrair uma unidade (sílabas ou fonema) de uma palavra ouvida;
- Isolar sílabas ou fonemas iniciais (ou finais) de uma palavra;
- Inverter a ordem de unidades de uma palavra (por exemplo, substituindo a sílaba ou o fonema inicial por aquele(a) que aparece ao final).

Essas tarefas podem ser trabalhadas em sala de aula para desenvolver a consciência fonológica nos estudantes. Porém, deve-se prestar atenção se as atividades estão adequadas para a faixa etária dos estudantes, por exemplo, não se deve trabalhar atividades que envolvam a manipulação de fonemas se as crianças não aprenderam a manipular as sílabas.

Apesar de ser uma habilidade fundamental para o processo de alfabetização, a consciência fonológica é pouco explorada pelos documentos oficiais que norteiam as práticas pedagógicas na Educação Infantil. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta, no Campo de experiência³, “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, propostas que trabalham habilidades relacionadas à consciência fonológica, mas ainda é de forma superficial. Além disso, a Base não conceitua a consciência fonológica e tampouco sugere práticas a partir desse tema (Mello; Sudbrack, 2019).

³ Segundo Fochi (2016), os Campos de Experiência são uma organização curricular para Educação Infantil propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tendo como finalidade organizar e estruturar os conhecimentos que devem ser construídos pelos bebês e crianças pequenas, por meio de interações com o mundo e o outro e também experiências que são voltadas para vida cotidiana.

A consciência fonológica é uma grande aliada no processo de alfabetização, apesar de os documentos que norteiam as práticas educativas não abordarem, explicitamente, sobre o trabalho com a consciência fonológica. E ela não é uma habilidade que pode ser adquirida naturalmente, deve ser ensinada e trabalhada de forma lúdica.

De acordo com Rosa, Cóta e Godoy (2022, p.7),

Quanto mais as crianças tiverem acesso a atividades e/ou brincadeiras que as estimulem a reconhecer e manipular os componentes das palavras, das sílabas, dos fonemas, melhor será seu desenvolvimento referente aos elementos linguísticos, cruciais para a aprendizagem da leitura.

Ao iniciar práticas que envolvam a consciência fonológica, o professor deve ficar atento aos níveis de complexidade das habilidades a serem desenvolvidas. No início, por exemplo, pode usar atividades para fazer com que os estudantes comecem a entender a dinâmica que envolve a consciência fonológica, como funciona, começando a ouvir de forma mais atenta. O jogo “Gato mia” é um exemplo: um estudante, de olhos vendados, fica no centro da sala enquanto o colega, que será o gato, deve miar em algum local da sala. O estudante, com os olhos vendados, deve apontar na direção do gato que miou (Adams *et al.*, 2006, p.42).

Outras atividades que trabalham a consciência fonológica podem ser desenvolvidas em sala de aula de forma lúdica e não precisam, necessariamente, que os estudantes usem papel e lápis. Para trabalhar rimas, por exemplo, um estudante com uma bola na mão deve falar “O navio está levando...”, escolhe uma palavra para completar a frase como, por exemplo, “O navio está levando um baú” e passa a bola para um colega. Esse, por sua vez, deve repetir a frase trocando a última palavra com uma que rima. Nesse caso, “O navio está levando um caju” (Adams *et al.*, 2006).

Outro exemplo prático de atividade de consciência fonológica para trabalhar a consciência silábica é: os estudantes devem bater palmas no ritmo da palavra que a professora dita (Adams *et al.*, 2006).

Nesse sentido, nota-se que alfabetização vai além do simples “aprender a ler e escrever”, pois demanda diversas habilidades a

serem desenvolvidas antes e durante o processo. A consciência fonológica, por sua vez, é uma habilidade que contribui para que o objetivo desse processo, que é complexo, seja alcançado.

Educação Infantil e Alfabetização: implicações pedagógicas

Muitos profissionais da educação se questionam sobre o que deve ser infantil. O conceito de infância nem sempre existiu e isso está ligado à visão de como a criança era vista na sociedade antigamente. Alguns educadores tentam (re)significar a infância na sociedade, procurando a criança como sujeito de direito.

Nesse sentido, Araújo (2005, p.67) afirma que:

Trata-se de não apenas fortalecer uma autonomia conceitual objetivada pelo atravessamento das diferentes vozes da infância, mas romper com uma estrutura arcaica e discriminatória sobre a infância e a criança pensadas como uma existência abstrata e sem pertencimento social, fixadas num mundo que foi feito pelos adultos e para os adultos.

A Educação Infantil sofre muito ainda com os pensamentos arcaicos sobre a infância, que acham que as crianças não têm pertencimento social e até hoje, em muitos lugares, são consideradas como mini adultos.

Ela foi instituída pela Constituição Federal (Brasil, 1988) como um direito de todos os cidadãos de 0 a 6 anos de idade. A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN) de 1996 vem propondo que a Educação Infantil seja ofertada em dois ciclos: a creche, para bebês de 0 a 3 anos e a pré-escola para crianças de 4 e 5 anos de idade em período parcial ou integral (Brasil, 1996).

Em consonância com a LDBEN (1996) as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) determinam que as instituições de Educação Infantil devem:

[...] garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimento e aprendizagem de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças (Brasil, 2009).

No período em que a criança frequenta a Educação Infantil, devemos promover experiências em que ela possa se apropriar de novos saberes, respeitando suas potencialidades e seus interesses. As diferentes linguagens devem fazer parte do cotidiano da criança de modo que, por meio de variadas formas de expressão e comunicação, ela possa interagir com o mundo que a cerca.

As práticas educativas devem, segundo as DCNEIs, ter como base os eixos norteadores, interações e brincadeiras a fim de garantir experiências significativas para o desenvolvimento da criança (Brasil, 2009). Dentre essas destacam-se as que “[...] possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos”.

A Base Nacional Comum Curricular também estabelece as interações e brincadeiras como eixos norteadores das práticas pedagógicas na Educação Infantil. “A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças” (Brasil, 2017, p.35). Logo, percebe-se que, por meio do brincar e do interagir, a criança é capaz de adquirir conhecimento, expandir a sua visão de mundo, desenvolver a imaginação e outras habilidades que serão úteis futuramente.

Existe um debate, em nível nacional, se a Educação Infantil deve ou não alfabetizar as crianças. Autores como Guedes e Fragella (2014), Abramovay e Krammer (1985) são a favor da alfabetização na Educação Infantil, se as práticas forem diferentes do Ensino Fundamental e o ensino for significativo para a criança. Por outro lado, existem autores que são contra a alfabetização na Educação Infantil, como Faria (2005), o qual acredita que, ao iniciar a alfabetização nessa etapa da educação, estão adiantando o fracasso desse processo.

Alguns estudiosos da área acreditam que a aprendizagem da leitura e da escrita podem ser enfadonhas e obrigatórias para a criança. Nessa etapa, deve-se promover experiências que

proporcionam a interação da criança com a cultura escrita de forma que ela desenvolva um vasto conhecimento sobre a linguagem.

Rizzo (2015, p.89) afirma que a alfabetização se inicia bem antes da educação formal, pois a criança vive imersa em uma cultura da linguagem escrita. O contato com a língua escrita, por meio da leitura de historietas, de anúncios, de rótulos de embalagens conhecidas, de instruções para jogos, etiquetas com nomes de objetos conhecidos, em especial, de seu próprio nome em objetos de uso pessoal feitas pelo adulto junto à criança propicia a sua aproximação da língua escrita.

A alfabetização pode acontecer na Educação Infantil desde que as práticas de leitura e escrita sejam diferenciadas das empregadas no Ensino Fundamental. Para as referidas autoras, as práticas do processo vão além da decodificação e codificação: Ou seja, é necessário trabalhar com textos escritos em contexto de práticas sociais. “Vivenciando tais práticas, crianças e adultos experimentam um elemento indispensável a todo ato leitor e escritor: a função social que anima o ler e escrever” (Guedes; Fragella, 2014, p.188).

Abramovay e Krammer (1985) também acreditam que a alfabetização pode ocorrer na Educação Infantil se as atividades e as experiências forem significativas para a criança. A Educação Infantil é uma etapa importante na vida das crianças, pois influencia as demais etapas da educação escolar. Vale ressaltar que o docente deve observar suas práticas, a fim de proporcionar um processo de aprendizagem que possa desenvolver todo o potencial da criança.

Os documentos curriculares oficiais não determinam que as crianças terminem a Educação Infantil alfabetizadas, mas que tenham conhecimentos sobre as diferentes linguagens, como movimento, música, arte, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática (Brasil, 1998).

Já a BNCC propõe, em seus objetivos para a Educação Infantil, o desenvolvimento da linguagem oral e escrita desde a tenra idade. A criança começa a se inserir na sociedade produzindo cultura por meio das interações que estabelece com o mundo. Sendo assim, a leitura e a escrita são práticas sociais necessárias para a construção de sua cidadania e, dessa forma, as experiências vivenciadas desde a

Educação Infantil contribuem para que a criança se aproprie da cultura escrita (Brasil, 2017).

As Orientações Curriculares da Rede municipal de Educação de Linhares/ES (Linhares, 2019), de acordo com o Currículo do Estado do Espírito Santo (Espírito Santo, 2018) e com a BNCC (Brasil, 2017) estabelecem os caminhos metodológicos para o planejamento dos professores definindo as aprendizagens previstas para cada nível de ensino. As aprendizagens previstas para a etapa da Educação Infantil são definidas por meio de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento nos diferentes Campos de Experiência.

O Campo de Experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação” apresenta objetivos relacionados ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita na criança. As Orientações Curriculares da Rede Municipal de Educação de Linhares/ES, seguindo o que proposto pela Base Nacional Comum Curricular, define os seguintes objetivos para as turmas de 4 anos:

(EI03EF01/ES) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos, vídeos e outras formas de expressão.

(EI03EF02/ES) Inventar enredos para brincadeiras cantadas, história, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.

(EI03EF03/ES) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

[...]

(EI03EF06/ES) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situação com função social significativa.

(EI03EF07/ES) Levantar hipótese sobre gênero textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégia de observação gráfica e/ ou de leitura.

(EI03EF08/ES) Selecionar livros e textos de gênero conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações, etc.).

(EI03EF09/ES) Levantar hipótese em relação as características da linguagem escrita (palavras, frases, espaços em branco, sinais de pontuação, pauta, margem), realizando registros de palavras e textos, por meio da escrita espontânea e compreendendo que a escrita é a representação de fala (Linhares, 2019, n.p.).

De acordo com tais objetivos, o educador deve promover situações nas quais as crianças possam vivenciar práticas sociais significativas de leitura e escrita. Dessa forma, podemos observar que é possível alfabetizar a partir da experiência da criança e de forma lúdica abrindo espaço para a produção de sentidos, a construção de estratégias, fazendo com que a criança se lance a experimentar e descobrir como tudo funciona e como as coisas e os objetos são nomeados.

Dessa forma,

[...] o espaço de Educação infantil pode por meio de processos sistematizados, incluindo questões lúdicas proporcionar o desenvolvimento de importantes habilidades sonoras e linguísticas, que proporcionem, posteriormente impactos positivos para os processos escolares subsequentes (Rosa; Cóta; Godoy, 2022, p.8).

Algumas situações didáticas e lúdicas podem estimular o interesse pela leitura e escrita na Educação Infantil. Dentre elas, destacam-se: bingo de letras, formação de palavras com letras móveis, reconto de histórias, roda de leitura, jogo do telefone sem fio e desafio do alfabeto. E essas atividades possibilitam a apresentação de conhecimento necessário aos processos de alfabetização de forma alternativa por meio de jogos e brincadeiras dentro do contexto de práticas sociais.

Resultados e discussão

A pesquisa foi realizada em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares/ES localizada no bairro Colina. Atualmente, a escola atende crianças de 1 a 5 anos de idade. No total, são 389 estudantes matriculados na escola, sendo 190 atendidas no turno matutino e 199 no turno vespertino.

De início, foi apresentado o projeto de pesquisa para a diretora da escola com o objetivo de obter validação para que a pesquisa ocorresse na instituição. Após a confirmação, foi levado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi assinado por ela.

A seguir, foram feitas entrevistas com as quatro professoras regentes das turmas de 4 anos que atuam nos turnos matutino e vespertino, identificadas como P1, P2, P3 e P4 para mantermos, em

anonimato, suas identidades. As entrevistas ocorreram de forma individualizada para que as respostas não tivessem influência sobre as outras.

Com as entrevistas feitas, foi iniciado o processo de observação. Foram escolhidas duas turmas, sendo uma do turno matutino, em que a professora P1 é regente e a outra no vespertino, em que a professora P3 é a regente. As observações foram feitas a fim de averiguar se as respostas das entrevistas condizem com a realidade e observar, na prática, o trabalho pedagógico com a consciência fonológica.

Em relação à formação das professoras, as respostas foram:

P1: Normal Superior, tenho pós-graduação em Educação infantil e anos iniciais.

P2: Eu sou formada em Pedagogia, com pós-graduação em Supervisão e Anos iniciais do ensino fundamental.

P3: Sou formada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia e em Alfabetização e letramento.

P4: Eu sou formada em Pedagogia, pela Faceli, e duas pós-graduações. A minha primeira pós-graduação foi em Alfabetização e letramento, pela Multivix e a segunda pós-graduação em Educação tecnológica pelo IFES.

Assim, foi constatado que todas as professoras possuem Pedagogia e pós-graduação na área em que trabalham; duas das entrevistadas têm pós em Alfabetização e Letramento, uma em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental e outra em Supervisão Escolar e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Isso demonstra que todas têm a formação inicial na área da educação e buscam aprimoramento profissional sempre que possível.

Sobre o tempo em que trabalham na área da educação e na Educação Infantil, mais especificamente, as respostas obtidas foram:

P1: Uns 21 ou 22 anos na educação. Na educação infantil, uns 18 ou 19 anos.

P2: Há uns 18 anos na educação. Na educação infantil há uns 12 anos.

P3: Há 15 anos na educação e 15 também na educação infantil. Desde o início, só trabalhei na educação infantil.

P4: Eu trabalho desde 2021 na educação infantil, há 4 anos desde que comecei.

Três professoras entrevistadas têm mais de 15 anos de trabalho na Educação; apenas a P4 é novata na área. Sobre o tempo de atuação na Educação Infantil, três professoras possuem mais de 10 anos de experiência e a P4 apenas 4 anos. Percebe-se que a maioria tem bastante tempo de atuação na área, enquanto apenas a P4 está começando a trilhar esse caminho.

Em relação ao processo de alfabetização, foi questionado às professoras se acreditam que existe uma idade certa para uma criança ser alfabetizada. As respostas foram:

P1: Depende da criança. Devemos respeitar a faixa etária, maturidade da criança, às vezes com 5, 6 anos, ela ainda não despertou para a alfabetização, Há criança que está evoluindo, mas com o meu incentivo.

P2: Não. Porque cada criança tem seu tempo de amadurecimento, estimulação... Eu acredito que a gente tem de ir com calma nesse processo para se tornar uma coisa prazerosa e não maçante. Hoje estamos vendo nas escolas, principalmente da educação Infantil, a pressa dos pais nessa alfabetização e deixando as crianças ansiosas.

P3: Acredito. Porque a criança precisa passar por todos os processos para chegar ao nível da alfabetização, por exemplo, a criança precisa saber se comunicar, ter autonomia para fazer algumas coisas, conhecer as letras, decodificar os signos... Tudo isso é um processo e a criança só tem maturidade para fazer a partir de 4 anos em diante, as crianças que são alfabetizadas antes disso ou são muito inteligentes ou autodidatas... há algumas crianças com 3 anos que a mãe fala “eu não fiz nada, não mostrei nada, só de assistir um filme ele já aprendeu”, é algo particular da criança.

P4: Eu acredito que a criança começa a ser inserida no mundo da leitura desde a barriga da mãe e que a alfabetização não deve ocorrer de modo obrigatório forçado, deve acontecer de maneira leve, tranquila... A leitura deve começar desde a barriga da mãe, com 2 anos devemos começar a ensinar as letras do nome dela e dos amiguinhos da turma, isso tudo é alfabetização. Há quem fale que alfabetização se inicia com 4 anos, de acordo com a lei, mas eu discordo, porque toda a bagagem, desde a barriga da mãe, é uma base para a alfabetização.

Dentre as respostas dadas, a P3 e a P4 afirmaram que sim; a P2 disse que não e a P1 disse que depende da maturidade da criança. A

professora P4 ainda ressalta que a alfabetização não deve acontecer de forma sistemática e forçada como nos Anos Iniciais da escolaridade básica.

Stemmer (2020) afirma que a alfabetização, nessa etapa, pode trazer várias contribuições para as crianças como, por exemplo, criar diferentes formas de manifestação por meio de brincadeiras, já que a escrita ganha maior significado e funcionalidade, além de melhorar a comunicação tanto oral e/ou gestual.

As entrevistadas foram questionadas se sabiam o que é consciência fonológica e, em caso afirmativo, foi pedido que dessem a sua definição. As respostas foram:

P1: Não sei se vou saber explicar para vocês. É a formação das primeiras sílabas, dos sons das letras, das junções dessas letras formando as sílabas.

P2: Alfabetizar a partir dos fonemas, um método tradicional...

P3: Consciência Fonológica é o método fônico, em que as letras são ensinadas não em sequência, mas em, por exemplo, o P, o B, são do grupo que tem o mesmo som.

P4: Durante o processo de alfabetização, devemos ensinar que as letras têm nomes e sons específicos, ou seja, trabalhar a consciência fonológica. Dessa forma, a alfabetização é mais leve. Eu defino consciência fonológica como os sons das letras, as rimas, as aliterações.

Todas as professoras entrevistadas resumiram a consciência fonológica como consciência fonêmica. Talvez isso ocorra porque estejam relacionando a palavra fonológica somente com fonêmica ou fônico ou fonema como, por exemplo, a resposta da professora P3 que relaciona a consciência fonológica com o método de alfabetização fônico.

Vale lembrar que a consciência fonológica apresenta diferentes níveis de complexidade e não somente a fonêmica. Engloba, ainda a consciência de palavras, de sílabas, rimas e aliterações.

Durante a observação, foi percebido que elas usam muita atividade em folha impressa e com as famílias silábicas. Elas trabalham mais a consciência fonêmica, que é a habilidade de analisar e manipular os fonemas. Por exemplo, a professora pode brincar de

trocar um fonema para criar uma nova palavra, ela pode perguntar para turma: “Se a gente trocar [g] da palavra gato por [p], qual palavra nova vamos formar?”

Quando questionadas se trabalham com práticas que estimulam a consciência fonológica em sala de aula, todas as professoras responderam que sim. E, em seguida, quando questionadas que tipo de atividades usam, responderam que trabalhavam com listas, alfabeto móvel, a construção da rotina no quadro, cartazes quando trabalham parlendas.

Foi percebido durante as observações das turmas de 4 anos de ambos os turnos que as atividades citadas pelas professoras eram realizadas no dia a dia. A construção da rotina é feita no quadro, a professora é a escriba e as crianças ajudam falando quais letras que devem ser usadas para formar as palavras.

As atividades com alfabeto móvel, na turma de 4 anos no matutino, a professora fez uma roda com as crianças e espalhou as letras para que, juntas, formassem as palavras das imagens; já na turma de 4 anos vespertino, a professora separou a turma em agrupamentos produtivos para que as crianças, sozinhas, pudessem formar as palavras ditadas por ela. A seguir, foram produzidos cartazes coletivamente.

Porém, durante as observações, sentimos falta de atividades que levassem a criança a refletir sobre as unidades sonoras das palavras sem, necessariamente, produzir algo escrito. Logo, apesar de as professoras afirmarem que trabalham a consciência fonológica com as turmas observadas, percebe-se que as atividades aplicadas durante o período da observação não se referem, na maioria das vezes, a esse assunto.

Apesar de não ter sido observado, na prática, apenas a P4 demonstra, por meio da entrevista, que coloca em prática algumas atividades de consciência fonológica.

Ilha, Lara e Cordoba (2017) citam algumas tarefas cognitivas, descritas a seguir, que são atribuídas à consciência fonológica.

Definimos a consciência fonológica como habilidade metalinguística de manipular os sons da língua falada [...]. A essa definição, são acrescidas tarefas cognitivas,

como identificação, a segmentação, a síntese, a análise, a reversão e a inversão, as quais são solicitadas tanto em teste como em atividades de consciência fonológica (Ilha; Lara; Cordoba, 2017, p.17).

As tarefas cognitivas desenvolvidas com a consciência fonológica citadas acima correspondem as seguintes capacidades: identificação das unidades sonoras, segmentação ou análise que é a capacidade de separar as palavras em unidades menores (sílabas ou fonemas) ou o processo inverso que é a síntese, a reversão e inversão que estão relacionadas às mudanças de posições das unidades das palavras.

Seguindo com a entrevista, quando questionadas sobre as reações das crianças diante as atividades, as professoras responderam que a maioria gosta, porém percebem que os que nunca foram estimulados ou tiveram contato com esses tipos de atividades acabam não entendendo e ficam perdidos.

Sobre esses aspectos, durante as observações, foi percebido que as crianças participavam, ativamente e com entusiasmo, das atividades e algumas crianças já conseguiam fazer a relação grafema-fonema e outras conseguiam ler palavras simples.

Os estudantes que estavam mais avançados no processo geralmente eram quem guiavam os que não estavam tão avançados assim. Já as crianças perdidas, geralmente, eram orientadas individualmente pela professora durante a atividade, porém foi percebido que nenhum tipo de intervenção ou adaptação foi feita, especialmente para aqueles estudantes.

Já sobre se alcançam os resultados esperados com as atividades, as professoras relatam que sim, conseguem alcançar os resultados esperados e entendem que cada criança tem seu ritmo de aprendizagem e ficam felizes, mesmo com as pequenas conquistas. Ao aplicarem as atividades, certificamos que boa parte dos estudantes compreendiam o comando da atividade e respondiam o que era pedido.

Por fim, quando questionadas sobre como a consciência fonológica pode contribuir para o processo de alfabetização dos estudantes, obtivemos as seguintes respostas:

P1: Pode contribuir muito... No princípio da linguagem oral e escrita.

P2: Acelera o processo de alfabetização, fica mais claro para a criança... Eu leio o alfabeto todo dia, trabalho as iniciais dos nomes das crianças como, por exemplo, R do Ruan...

P3: Eu acho que é um método muito bom, como a nossa língua é fonetizada, esse método deveria ser aplicado na escola e não ser considerado tradicional. Na educação infantil, não se é permitido, mas quando se chega ao ensino fundamental, se a criança não está alfabetizada, muitos professores usam esse método para alfabetizar.

P4: Eu vejo a consciência fonológica contribuindo quando ela mostra para nós os sons das letras e das palavras. Quando a criança aprende as rimas, ela vai ter mais facilidade para aprender os sons das letras. A aliteração também ajuda como, por exemplo, se CASA começa com CA, mas não é K de Karol, mas de caco, de caracol... Então a criança começa a fazer links em outras palavras o que contribui, você sai da aliteração de uma palavra e ela faz automaticamente o link para outras, por isso a Consciência Fonológica ajuda.

Percebe-se que todas as professoras responderam que a consciência fonológica contribui, de alguma forma, para o processo de alfabetização. Dentre suas contribuições, as professoras P1 e P2 citam que é um facilitador no processo de alfabetização. A P4, por exemplo, afirma que ajuda fazendo a criança a perceber a relação fonema-grafema ou acelerando, de alguma forma, esse processo. Já a professora P3, que apesar de afirmar que é bom, define consciência fonológica como um método considerado por ela tradicional. Isso mostra que ela não tem conhecimento sobre o que realmente de fato é a consciência fonológica e confunde a habilidade com o método de alfabetização fônico.

Caxias (2015) afirma que, com o desenvolvimento de atividades de consciência fonológica, a criança desenvolve habilidades que ajudam na apropriação do sistema de escrita por intermédio da reflexão dos sons e como se articulam entre si, confirmando que, de fato, a consciência fonológica ajuda no processo de alfabetização,

Ao final das entrevistas e observações, concluímos que a consciência fonológica não é uma habilidade totalmente desconhecida pelos professores da rede municipal de Linhares-ES,

porém ainda é pouco explorada em suas práticas devido à falta de conhecimento aprofundado sobre ela e como usá-la em sala de aula.

Considerações Finais

Este estudo teve, como objetivo, analisar a percepção dos professores acerca da consciência fonológica e sua influência no processo de alfabetização de estudantes das turmas de 4 anos de uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares/ES. Com a análise dos resultados, conclui-se que os professores regentes das turmas de 4 anos têm pouco conhecimento sobre consciência fonológica. O termo não é desconhecido pelas professoras, porém a maioria não sabe o que realmente é. Fica evidente que, ainda, falta um aprofundamento sobre o assunto consciência fonológica e novas práticas de alfabetização nas formações atuais dos educadores.

No cotidiano das turmas, foram observadas as práticas educativas de duas professoras das turmas de 4 anos acerca do processo de alfabetização e foi percebido que as atividades que exploram a consciência fonológica são pouco utilizadas nesse processo. A maioria das atividades desenvolvidas pelas professoras eram impressas e focadas no sistema de escrita, por exemplo, “complete as palavras”, “quantas letras a palavra tem”, “qual a primeira ou última letra da palavra”, entre outras. Quando as habilidades que envolve a consciência fonológica são desenvolvidas, o processo de alfabetização, que é complexo, torna-se mais fácil para o estudante.

Esse estudo é relevante para área educação, pois busca discutir mais sobre a consciência fonológica no processo de alfabetização na Educação Infantil, que é um tema novo e uma habilidade ainda não muito explorada pelos docentes por falta de conhecimento sobre ela.

Em suma, espera-se com esta pesquisa, que as pessoas atuantes na área da educação despertem a curiosidade e busquem conhecer mais sobre a consciência fonológica e que os pesquisadores da área da educação desenvolvam mais estudos sobre os impactos da consciência fonológica no processo de alfabetização.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; KRAMER, Sônia. Alfabetização na pré-escola: exigência ou necessidade? **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, 1985. Disponível em: <www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/680.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2024.

ADAMS, Marilyn Jager *et al.* **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARAÚJO, Vania C. Infância e educação inclusiva. **Pespectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 65-77, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 28 mai. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CAXIAS, Aldenice da Silva. **A relação entre a consciência fonológica e a aquisição da escrita**: ressignificando o processo de alfabetização. Dissertação mestrado. Universidade Federal da Paraíba. Instituto de Letras. Mamanguape, 2015.

COSTA, Renata Gomes da. **Consciência fonológica em adultos da EJA**. Dissertação mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, 2012.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria da Educação. **Currículo do Espírito Santo Educação Infantil**. Vitória: Secretaria da Educação, 2018.

FARIA, Ana Lucia Goulart de. Sons sem palavras e grafismo sem letras: linguagens, leituras e pedagogia na educação infantil. *In*: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral de. **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores associados, 2005. p. 119-142.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2008.

FOCHI, Paulo Sergio. A didática dos campos de experiência. **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 49, out-dez, 2016.

FREITAG, Raquel. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? **Revista de Estudos da Linguagem**, Sergipe, v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONTIJO, Claudia. **A escrita infantil**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

GONTIJO, Claudia; COSTA, Dania; OLIVEIRA, Luciana. **Conceito de alfabetização e formação de docentes**. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: UFES, 2019.

GUEDES, Adriane; FRAGELLA, Rita. Bordando palavras, costurando memórias: práticas de formação-ação. *In*: KRAMER, Sonia *et al.* **Educação Infantil: formação e responsabilidade**. São Paulo: Papirus Editora, 2014.

ILHA, Susie Enke; LARA, Claudia Camila; CORDOBA, Alexander Severo. **Consciência fonológica: coletânea de atividades orais para sala de aula**. Curitiba: Editora Appris, 2017.

LINHARES. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Linhares: SEME, 2019.

MELLO, Ana Paula Barbieri de; SUBDBRACK, Edite Maria. **A BNCC e a consciência fonológica: aportes para a leitura e a escrita?** Curitiba: Editora CRV, 2019.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no clico de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NOBRE, Alena; ROAZZI, Antonio. **Realismo nominal no processo de alfabetização de crianças e adultos**. Recife: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2011.

PARRACHO, Fernanda. Vivência pedagógicas e motivação de leitura: A consciência fonológica na primeira infância. **Revista Científica Fesa**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 76-88, 2023.

SARGIANI, Renan. **Alfabetização baseada em evidências: da ciência à sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2022.

SPINILLO Alina G.; MOTA Marcia; CORREA Jane. **Consciência metalinguística e compreensão de leitura: diferentes facetas de uma relação complexa**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 38, p. 157-171, 2010.

STEMMER, Marcia. A educação e a alfabetização. *In*: ARCE, Alessandra; MARTINS, Ligia M. **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** Em defesa do ato de ensinar. 4. ed. Campinas: Alínea Editora, 2020.

Sobre os Autores

Alice Mação Correia

alicemacaocorreia3234@gmail.com

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI).

Amanda do Rosário Barboza

amandabarboza0502@gmail.com

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI).

Márcia Perini Valle

marciapvalle@gmail.com

Mestre em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos (SP). Psicopedagoga e Pedagoga formada pela Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração (ES). Atualmente é professora efetiva da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI) e pedagoga aposentada da Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Linhares.